

CAEM AS FOLHAS DAS CARTAS DE AMOR

Conheço-te desde do tempo das estações. Como esquecer. Aprende-se na escola primária a escrever a sua designação com a letra inicial em maiúsculo. Primavera, Verão, Outono e Inverno. Ou talvez Outono, Inverno, Primavera e Verão já que o mês de outubro é o nosso mês, o mês em que ambos choramos pela primeira vez. Pode também dizer-se Verão, Outono, Inverno e Primavera porque a escola primária começa em setembro. Conheço-te no dia em que vou consoar a tua casa e digo, Inverno, Primavera, Verão e Outono. Pouco importa a ordem, há muito as estações acabam e o tempo hoje é fenómeno atmosférico.

É no Verão que iniciamos a escola primária, tu num edifício, eu noutra. É assim naquele tempo. Eu uso um vestido de chita pelos calcanhares, tu usas umas grossas calças de cotim. Recordo-me primaveril a olhar para um rapaz envergonhado, invernosos. Caminhas só, triste, tinham-te batido. Eu ofereço-me para te acompanhar a tua casa, tu recusas. És um homem só. Outras vezes nos encontramos nesse regresso da escola, regresso do nosso nós que alguém espregueia. Engraçado, lembro-me de te encontrar ao regressar da escola sem conseguir recordar-me se alguma vez te encontro na ida para a escola.

Sim, és um homem só e só continuas enquanto os cabelos te abandonam. Sorriso quanto te chamo careca e eu gosto desse teu sorriso marcado por uma tristeza que jamais te larga. Tudo é definitivo em ti embora eu recuse. Um dia hei de ouvir, oh se hei de, a sair da tua boca uma valente gargalhada. Gargalhar é saúde. Sabes, às vezes penso que pensas coisas más de mim.

Sou tua, só tua, sempre tua. Inteira. A minha certeza é a tua existência, o meu prumo a tua presença, a minha alegria o saber-te vivo, a minha luta a tua juventude, o meu jeito o te amar. Ao fim de trinta e dois anos de casados, quando te ausentas por dez dias, ando tresmalhada, caminho a zigzaguear e nem o telefone atendo, tropeço em qualquer cisco e, sorte a minha, ninguém se lembra de abrir um poço no caminho que calco. Refugiu-me a olhar campos e árvores como se por ali ande um vento que te traga para junto de mim. O vento traz nada, só vento a ventar. Pelo menos dá-me o ar que a custo respiro.

Queimo o passado em cada instante que passa e a cinza é esse teu olhar que me abraça, que por vezes foge num desmerecimento que me perplexa e me atira para ti em entrega única e permanente. Sou em ti presente e futuro. Se recordo o instante em que te conheço, se lembro o tempo da escola primária, é porque o nós que ali se forma e é volume é hoje pleno, aflora à minha mente, acalenta o meu coração e arremessa-me para o teu colo.

Sem angústia que as lágrimas que a vida chora limpam-se com um sorriso e muita abnegação. Queres, queres! Se largas morro e sou a tristeza se me eutanásias. Quando adormeces vales bem a bofetada que te dou. Como pessoa

bem-educada que és, respondes e eu sinto a tua vontade em me poupar. Prefiro que me puxes mas estou consciente da resistência que ofereço. Puxas-me e eu, em silêncio aceito mas, nesta idade o meu espírito de aventura é um pouco trôpego e orienta-se pelo amparo que devo a outros. Por vezes empurras-me e nisso somos parecidos. Nem eu nem tu temos jeito para caminhar à frente do rebanho. Ambos preferimos pilotar, caminhando atrás.

Esta carta é tua, escrita por mim na primeira pessoa do singular a plasmar o instante que espargirmos. Olha, vê; tu, eu, a vida. Vês!? Gosto que vejas a vida como eu a vejo. Tu, eu, o instante nós, nada mais, mais nada. É assim que eu sinto vida e a vejo, é assim que eu sou viva. Além? Sim, além és tu, sou eu, é o instante nós.

Manuel José